

1232

# CHARTRES

*É tempo de arar. Na planura enternecida pela chuva caída de noite há um sol escasso entre nuvens galopantes que se vão rasgando no ar. Assim, a luz pálida, de leite, é cortada de brilhos de prata. Um homem conduz dois grossos cavalos, e o ferro vai arando essa boa terra de França. Mais além se amontoa o feno.*

*Desprezamos a estrada grande, e Versalhes, Rambouillet; o rei Luiz que vamos visitar é São Luiz, que rezou na primeira missa de Chartres. Não queremos topar fidalgos vestidos de seda nem marias antonietas; somos quatro campônios na viatura. Um é Graciano, com sua nobre cara de cavalo triste; outro, redondo e tósco manjador de polenta, é Volpi, e essa cabeça de queijo romano é Zanini; eu sou um escuro búlgaro de Itapeirim.*

*O pequeno caminho que intentamos é mais sensível ao chão; é desses caminhos que vão lambendo o chão, obediente às mais leves ondas de terra e curvas de água. Ele nos meneia entre as árvores com sossêgo; não temos pressa, não precisamos correr na monótona e fria faixa de cimento liso da grande rota nacional.*

*Passamos por aldeias lentas, depois avançamos no campo imenso. Então nascem, no fundo do horizonte, as tôrres da Catedral. E vão se erguendo, como dois mastros no mar; vão se erguendo à medida que avançamos por esse longo chão-oceano. A cidade, só de bem perto a veremos; antes é tudo apenas o Campo e a Ca-*

*tedral. A caminhante Péguy a veria talvez, na cadência da marcha, oscilar na sua altura, essa grande Nau Divina, sobre o mar dos campos.*

*Chegamos. É a majestade soberana. Huysmans disse: loura de olhos azuis. Por dentro, essas nervuras finas, no alto céu de penumbra suave lembram o avêssio de folhas tenras.*

*Tôdas as gemas do mundo não valem esses vitrais; são tão belos e altos que entristecem, comprimem o coração. Não são coisas de ver e passar. Sentimos que era preciso morar longamente nesse bôjo imenso, aqui dormir, pensar e labutar, aqui ficar triste e danado de amor, aqui morrer de fome e de febre deitado no chão.*

*E por fora a materia dos vidros não tem côr; ela se casa a essa nobre pedra clara como vagas placas de encardida mica.*

*Rondamos os portais perante esses reis que são longas colunas de pedra, esses anjos de movimento manso, esses profetas impassíveis, de força contida, e os bichos humildes. Não se quis tirar à pedra sua natureza de pedra, ela contém as figuras humanas e divinas mas permanece a pedra que resiste e sustenta a pedra, a pedra que se alteia sobre a pedra para compor esse grande cântico no ar.*

*Na rua vemos caras dos vendedores de tapêtes do ano de 1200 que aparecem nos vitrais; e essa perdiz que comemos tem o gôsto da planura triste que lançou para Deus essa Igreja, como um gesto sereno.*

24. 12. 50